

HARLEM HOPSCOTCH: TRADUÇÃO, COMENTÁRIOS E TEORIAS

Hilda Ferreira da Costa FRANÇA⁸⁸

RESUMO: Este artigo visa a apresentar a tradução comentada do poema *Harlem Hopscotch*, o qual é um objeto literário que serve de análise para problematizar a questão sócio-histórica do negro norte americano, questões raciais transversais na diáspora africana, questões literárias e, principalmente, a questão performativa da escritora Maya Angelou. Tais argumentos possibilitam identificar os efeitos dos conteúdos trabalhados na construção da identidade dos indivíduos afrodiáspóricos. O poema em destaque, que está no livro *Just Give me a Cool Drink of Water 'Fore I Diie*, trata de diversas questões, mas todas, de certo modo, são transversais ao Conceito de Identidade. E para proporcionar uma análise levando em consideração tais questões, como embasamento teórico será feita referência a intelectuais que se dedicam às causas de indivíduos subalternizados, a subversão teórica, a epistemológica e, sobretudo, à práxis desses trabalhos na sociedade. Através da literatura, mais precisamente pela presença da metáfora, o discurso do eu lírico permitirá identificar uma série de questões culturais e identitárias características dos afrodiáspóricos que, muitas vezes, por serem desumanizados pelo processo de subalternização, encontram na arte formas de subverter os silenciamentos cotidianos. Assim, a interpretação das questões trazidas no texto, em adição a chave metafórica do *jogo*, permitirão analisar a potência do discurso poético para o fazer literário performativo da escritora.

Palavras-chave: Maya Angelou; Afrodiáspóricos; Tradução; Jogo.

ABSTRACT: *This paper aims to present the commented translation of the poem Harlem Hopscotch, which is a literary object that serves of analysis to problematize the socio-historical question of the North American Negro, literary questions and mainly the performative question of the writer Maya Angelou. Such arguments allow us to identify the effects of the subjects worked in the build of the identity of the afrodiasporic individuals. The analyzed poem is in the book Just Give me a Cool Drink of Water 'Fore I Diie. It treats about a range of issues, but in a sense, all transverse to the Concept of Identity. In order to provide an analysis considering such questions, as a theoretical basis will be made referred to intellectuals dedicated to the causes of subalternized individuals, theoretical subversion and epistemological and also the praxis of these works in society. Through literature, mostly through the metaphor, the discourse of the self (lyrical) will allow us to identify a set of cultural and identity issues characteristic of afrodiasporics that, often, for being dehumanized by the subalternization process, find in art ways of subverting the daily silencings. Therefore, the interpretation of the questions brought in the text, in addition to the metaphorical key of the game, will allow to analyze the potency of the poetic discourse for the performative literary act of the writer.*

Keywords: *Maya Angelou; Afrodiasporic; Translation; Game.*

INTRODUÇÃO

Marguerite Annie Johnson é o nome de nascimento da escritora e poetisa afro-americana Maya Angelou, a qual começou a sua carreira nos palcos dançando, encenado, cantando, e depois passou a se dedicar a criação literária. Angelou, como era conhecida, deixou um conjunto de trabalhos artísticos nos campos da dança, música, teatro, cinema,

⁸⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – PPGLitCult/ UFBA e Graduanda em Letras Vernáculas e Português como Língua Estrangeira - UFBA. E-mail: trancablack@yahoo.com.br

televisão, e, principalmente, na literatura, dedicando-se a produção de poesia, autobiografia e livros de culinária.

A escritora Maya Angelou nasceu em 4 de abril de 1928, em St. Louis Missouri. A vida da autora foi marcada por fatos que mudaram a sua trajetória, fatos que vão desde a violação de seu corpo, a integração e luta pelos direitos civis, a premiação do Grammy de melhor texto recitado na posse de Bill Clinton e, até o recebimento da Medalha da Liberdade, por Barack Obama. Porém, em maio de 2014, após um período debilitada e com problemas cardíacos, Angelou veio a falecer.

A história dessa poetisa começa muito cedo, mas um dos momentos divisores de sua carreira artística é quando ela se integra ao Movimento dos Direitos Civis, em (1960), e é após a intensa participação da autora nesse ativismo político afro-americano que ela escreve *Just Give me a Cool Drink of Water 'Fore I Die*, seu primeiro livro de poemas, publicado nos Estados Unidos, em 1971, e ainda não traduzido no Brasil.

O livro acima mencionado, não só por ser uma autobiografia, mas também pela sua consistência, revela a tentativa da autora escrever e também se inscrever discursiva e performaticamente na literatura e na sociedade norte americana. Através da literatura, mais precisamente pela presença da metáfora, a enunciação do eu lírico nos permite inferir uma série de problemáticas características não só dos sujeitos afroamericanos, mas também dos afrobrasileiros e/ou afrodiáspóricos em geral que, muitas vezes, por serem desumanizados pelo processo de subalternização pós-escravocrata, encontram na arte formas de subverter os silenciamentos cotidianos.

O poema em destaque, *Harlem Hopscotch*, é um texto literário que provoca a problematização da questão sócio-histórica do negro norte americano, questões raciais transversais na diáspora africana, questões literárias e principalmente a questão performativa da escritora. Este poema, que está no primeiro livro de poemas de Angelou, trata de diversas questões, mas todas, de certo modo, são transversais ao Conceito de Identidade⁸⁹.

A tradução cultural que faço do poema de Angelou é uma forma de dialogar com a diáspora africana e, também, de intervir no crescimento de traduções de obras de negros para a língua portuguesa. Como toda obra traduzida, a tradução aqui feita não pretende dar conta de todas as questões suscitadas pela obra, por entender que essa é uma tarefa que pode deixar lacunas consideráveis. Então, como um ato político, a perspectiva que eu lanço mão ao fazer a tradução do poema de Angelou é a de agir de acordo com função do tradutor, levando em consideração o que teóricos contemporâneos, como Paulo Henrique Brito, nos lembra:

A tarefa do tradutor de poesia consiste em identificar as características potencialmente relevantes do texto poético e reproduzir as que lhe parecem mais importantes. O significado do texto é, na grande maioria dos casos, fundamental; mas os elementos formais podem ser tão importantes quanto o significado, e em alguns poemas sua importância é até maior. (BRITO, 2012, p.133)

O diferencial da minha tradução consiste justamente em “reproduzir” as características que eu considero importantes para a construção identitária cultural negra, assim como identificar o modo como a autora usa os jogos de rima e métrica. Nesta tradução, eu tentei mostrar como a autora ao escrever seu poema escolheu cada palavra cuidadosamente, a fim de valorizar tanto a forma quanto o sentido dos poemas. Desse modo, a minha tradução,

⁸⁹ O conceito de identidade, na definição de Stuart Hall, expõe que “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento.” (HALL, 1996, p.10)

além de estar fundamentada em uma das possíveis tarefas do tradutor, se estabelece de maneira a empoderar a escrita negra.

A fim de refletir sobre as reverberações das questões sócio-históricas, discursivas e performativas suscitadas pelo poema *Harlem Hopscotch*, dialogarei, ao longo deste artigo, com conceitos e trabalhos de autores como Stuart Hall, Gayatri Spivak, Kabengele Munanga, Achille Mbembe, Muniz Sodré e Judith Butler. Tais autores, de maneira suplementar, têm possibilitado teorizar sobre as questões ligadas às “minorias”, por adotarem, metodologicamente, uma espécie de “arqueologia” como caminho produtivo para descentralizar teorias hegemônicas que, ao elegerem seus signos como universais, acabam excluindo outros por suas diferenças.

A práxis deste trabalho se dará primeiro na tradução propriamente dita, seguida de comentários relacionados às traduções. A segunda parte tratará das questões raciais transversais na diáspora africana e, a terceira sobre as questões literárias e performativas do trabalho de Maya Angelou.

1 TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DO POEMA

Harlem Hopscotch	Amarelinha de Amaralina (ou do Candeal)
One foot down, then hop! It's hot. Good things for the ones that's got. Another jump, now to the left. Everybody for himself.	Um pé no chão, em seguida salte! Tá quente. Recompensas pra quem conseguiu Outro pulo, agora para a esquerda. Cada um por si.
In the air, now both feet down. Since you black, don't stick around. Food is gone, the rent is due, Curse and cry and then jump two.	No ar, agora os dois pés no chão Se você é negro, não fique por aqui. A comida está acabando, o aluguel pra vencer Maldição e choro então pule duas casas.
All the people out of work, Hold for three, then twist and jerk. Cross the line, they count you out. That's what hopping's all about.	Todo mundo sem emprego Perdeu três rodadas, então quem não pode se sacode. Do outro lado da linha, eles consideram você fora. Isso que se chama saltar.
Both feet flat, the game is done. They think I lost, I think I won.	Pés no chão, o jogo acabou. Eles acham que perdi, eu acho que ganhei.

Poema de versos livres, rima emparelhada, agudas, perfeitas e ricas, versos dísticos e compostos⁹⁰. O uso das rimas neste poema constrói uma musicalidade característica da cultura popular americana, a qual permite associá-la a outras rimas contemporâneas, como no Hip

⁹⁰ Classificada quanto o valor, há rima rica quando a rima acontece entre palavras de classes gramaticais diferentes; Classificada quanto à fonética, há rima perfeita quando há correspondência total de sons, havendo repetição tanto dos sons vocálicos como dos consonantais e, há rima rica quando as palavras que rimam pertencem a diferentes classes gramaticais; Classificadas quanto a acentuação, há rimas emparelhadas quando elas combinam-se duas, seguindo o esquema AABB e, há versos dísticos quando o número de sílabas são dois.

Hop. A outra marca importantíssima do *Harlem Hopscotch* é a semântica do nome. O próprio nome do poema carrega a sonoridade e a semântica presente na história do bairro, por ele ser culturalmente rico em música, artes plásticas e em literatura. Todavia, o passado do bairro foi marcado por muita violência e preconceito, então, a subversão feita por ele é metaforizada por Angelou para falar sobre a subversão de indivíduos subalterizados e do povo negro.

O poema metaforiza, através do jogo de amarelinha, a situação de um indivíduo que passa por necessidades e luta pela sobrevivência. Assim como também revela a competição e subalternização existente na sociedade americana, quando o que está em jogo é o crescimento social e econômico do negro. Entre linhas, o poema mostra como o branco se sente em um jogo quando o negro começa a galgar seus objetivos, ou seja, quando a competição está estabelecida, para o branco o negro já é um perdedor por ele competir em desvantagem. Os exemplos: *Food is gone, the rent is due* e *All the people out of work*, revelam que, de fato, a disputa entre negros e brancos não é igualitária, mas nem por isso, para o negro, o jogo está perdido, pois o fato de competir já o torna “vencedor”, se analisada a trajetória do negro no mundo, situação semelhante à história do bairro Americano, o qual intitula o poema.

Em seu surgimento, o bairro *Harlem* foi amplamente marginalizado, mas hoje é considerado um dos bairros mais culturais de Nova York. O jogo de palavras estabelecido através do poema *Harlem Hopscotch* permite também pensar que os negros estão se articulando com suas próprias estratégias e culturas, e não é porque eles não estão se alimentando apenas da cultura eurocêntrica que não estão produzindo. Já o verso *They think I lost, I think I won* mostra a ideia subversiva mais emblemática do poema, e pode ser usado em várias perspectivas, mas a linha de interpretação que perpassa a ideia geral desses versos é a de – apesar dos brancos terem extraído tudo o que puderam do corpo do negro, foram incapazes de tirar a potência da criatividade deles se reinventarem, mesmo estando distantes de sua terra natal, de seus familiares e de sua cultura. Em outras palavras, não seria a *eminência de ficar sem comida, de o aluguel estar para vencer e a falta de emprego* que determinaria a perda do povo negro. Tudo seria uma questão de jogo, estratégia e perspectiva.

A relação estabelecida entre o bairro *Harlem*, em Nova York e os bairros *Amaralina* e *Candeal* em Salvador/BA está relacionado às questões sonoras e semânticas, proporcionadas pela interpretação dos poemas. Sonoricamente, o nome *Amaralina* rima com *Amarelinha*, mas esse bairro não tem semelhança histórica com o *Harlem*. Quanto à semântica, a história de transformação social e política do *Candeal* se assemelha com a história do *Harlem*. Assim, a “melhor” tradução cultural para o nome do bairro seria *Candeal*.

2 QUESTÕES RACIAIS TRANSVERSAIS NA DIÁSPORA AFRICANA

A problemática do poema traduzido é a questão racial e suas consequências e, para analisá-lo, no tocante à alusão desse problema na realidade afrodiáspórica, em especial no Brasil e nos Estados Unidos, é preciso recorrer aos enfrentamentos primeiros, ou seja, às concepções de raça e racismo. Entendendo que raça é o conceito primeiro e o racismo a consequência desta, não se pode pensar em uma sem a outra. Apesar de já ter sido usado para outros fins, como para categorizar as espécies de animais e vegetais, o termo raça, no sentido mais próximo ao atual, foi primeiramente introduzido na Europa, quando:

Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças. Nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época, pois utilizado pela nobreza local que si identificava com os Francos,

de origem germânica em oposição aos Gauleses, população local identificada com a Plebe. Não apenas os Francos se consideravam como uma raça distinta dos gauleses, mas do que isso, eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados. (MUNANGA, 2003, p.1)

A partir dessa concepção de raça, “agora” também atribuída aos seres humanos, há da mesma forma o estabelecimento das relações de *dominação* e de *sujeição* entre sujeitos de raças distintas. Aliado a isso, os discursos relativos à definição do que é homem e humanidade corroboraram ainda mais para o estabelecimento das diferenças e, conseqüentemente, do racismo.

O corpo negro, por ter passado pelo processo de escravização e desumanização, conseqüência também do humanismo, enfrentou e ainda enfrenta as reverberações desse período. Logo, seja no Brasil, seja nos Estados Unidos é possível flagrar histórias de racismos e discriminação. Assim como o poema de Angelou tematiza um jogo, sabe-se, através da história, que para a manutenção das raízes africanas muitas comunidades afrodiáspóricas precisaram desenvolver “habilidade alusivas” como mecanismo de sobrevivência cultural. No Brasil, por exemplo, “a originalidade negra consiste em ter vivido uma estrutura dupla, em ter jogado com as ambigüidades do poder e, assim, podido implantar instituições paralelas.” (SODRÉ, 2005, p.99). O ganho maior dos afrobrasileiros terem realizado esse jogo duplo se deu na manutenção da prática do Candomblé, religião de origem africana que conseguiu se manter forte na cultura brasileira através da prática do sincretismo religioso.

Todavia, diferentemente do Brasil, nem todas as comunidades afrodiáspóricas conseguiram manter suas práticas culturais e isso aponta que, tanto no passado quanto no presente, a remodelação das estruturas racistas representa um desafio para os indivíduos subalternizados e para os intelectuais. Para tal, faz-se necessário ter consciência de que assim como as estruturas racistas ganham novas formas, o combate ao racismo também deve se reinventar. Por isso, há a necessidade constante de jogo, tanto fora quanto dentro das estruturas sociais onde estão as comunidades negras.

Como uma nova forma de atualização do racismo, após as grandes mudanças nos regimes das civilizações e, principalmente com a junção do capitalismo e do animismo⁹¹, os negros passaram a ser admitidos nas sociedades, porém, desde esse período não só eles têm sido transformados em seres animados, descartáveis, solúveis, mas também todos os seres humanos. A conseqüência de tal mudança para Achille Mbembe implica em duas vertentes, uma é a necessidade dos indivíduos subalternizados se atentarem para o surgimento das novas formas globais de subalternização e, a outra é a identificação da força do negro no mundo. Para o autor, essa nova potência é o que ele chama de *o devir-negro do mundo*. E ele nos convida para refletir:

Mas quem, entre nós pode duvidar de que chegou o momento de finalmente começar-por-si-mesmo, e enquanto a Europa se extravai, apanhada pela doença de não saber onde se encontra no mundo e com ele, de se alicerçar e fundar qualquer coisa de absolutamente novo? [...] Além disso, se no meio desta tormenta o Negro conseguir de fato sobreviver àqueles que o inventaram, e se, numa reviravolta de que a História guarda segredo, toda a humanidade subalterna se torna agora negra, que riscos acarretaria um tal *devir-negro do mundo* a respeito da universal promessa de liberdade e de

⁹¹ Este conceito significa: “Ideologia ou crença de acordo com a qual todas as formas identificáveis da natureza (animais, pessoas, plantas, fenômenos naturais etc) possuem alma.”(Dicionário Dicio online)

igualdade de que o nome Negro terá sido o signo manifesto no período moderno? (MBEMBE, 2014, p. 20-21)

Os questionamentos indicativos de Mbembe provocam um novo olhar sobre o conceito de raça, que hoje, inclusive, pode ganhar novas designações. Mas, o que de fato ele nos alude é a necessidade de identificar o *dever-negro do mundo*, ou seja, a dimensão que o negro alcançou e tem alcançado no mundo, através de sua estética, política e reinvenção. Além disso, por mais que a categoria raça tenha sido inventada para subtrair o indivíduo racialmente, ela pode/está ganhando formas contrárias a idealizada a priori, uma vez que o adjetivo “racista” não é bem visto nas sociedades globalizadas.

3 QUESTÕES LITERÁRIAS E PERFORMATIVAS NO TRABALHO DE MAYA ANGELOU

Os conteúdos do livro de poemas de Maya Angelou fazem referência à construção de identidade. Através e com a literatura, a autora constrói *eu líricos* que conseguem alcançar dimensões para além das literárias, dimensões políticas e sociais. O poema *Harlem Hopsotch*, por sua vez, é um excelente exemplo de como questões tão caras ao negro conseguem ser problematizadas de maneira poética e política. A construção discursiva que Angelou lança mão ao produzir os seus poemas deve ser encarado para além de uma mera representação, pois ela, como conhecedora da diversidade das questões que atravessam os negros e demais indivíduos subalternizados, não pretendeu encerrar as várias possibilidades de leituras proporcionadas pela sua escrita. Na condição de escritora afrodiáspórica, Angelou dedicou o seu trabalho a atuar mais contra a subalternização, do que a favor da construção de novas formas de aprisionamento. E eis aí o papel do intelectual, que segundo Spivak:

A tarefa do intelectual pós-colonial deve ser de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela faça possa ser ouvido (a). Para ela, não se pode falar pelo subalterno, mas pode-se trabalhar “contra” a subalternidade, criando espaços nos quais o subalterno possa se articular e, como consequência, possa também ser ouvido. (SPIVAK, 2012, p.16)

O agenciamento proporcionado pelo intelectual é o que é constatado na abordagem de Angelou, pois através de seu trabalho diversas vozes têm falado e sido ouvida, como é o caso de muitos outros intelectuais, acadêmicos ou não acadêmicos estarem se servindo dos trabalhos da autora para narrar e construir as suas subjetividades. Alguns artistas do Hip Hop, por exemplo, usaram o trabalho literário de Angelou para tratar de suas próprias subjetividades (suas linguagens artísticas). Nesse sentido, a autora não deu voz a esses artistas. A potência do uso do poema e de outros trabalhos da autora está no fato de músicos, dançarinos, grafiteiros DJs, MCs etc, terem se autoproduzido ao realizar esse diálogo. Se a relação entre Angelou e esses artistas fosse entendida como se a autora tivesse contribuído apenas a nível de representação para o trabalho do Hip Hop, haveria um esvaziamento na troca e no alcance dessa relação, reduzindo Angelou a “objeto” e os músicos a “sujeitos”. Todavia, a riqueza desse tipo de diálogo também está na possibilidade de um aprender com o outro, a fim de agregarem esse aprendizado as suas próprias subjetividades. Nesse sentido, não há um distanciamento ente os componentes (sujeito/objeto) da feitura artística e ninguém está falando pelo outro. O ato de fazer já é produtivamente performativo.

A partir da abordagem de teóricos pós-estruturalistas, como Spivak, é possível também teorizar sobre a práxis de autores que escrevem em deslocamento, como é o caso de

Maya Angelou. A autora, que trata de questões políticas e teóricas a fim de também debater a construção de identidade de sujeitos subalternizados, se apoia na linguagem e nos recursos literários para intervir na sociedade, que por fortes agenciamentos das novas teorias têm sido estudada de modo mais ético, já que a ideia de representação, inclusive teórica, não dá conta das diversas subjetividades. O intelectual Stuart Hall, por exemplo, defende a importância dos Estudos Culturais para trabalhar com temáticas que descentralizam o poder, que saem do campo hegemônico para teorizar em diferença e em deslocamento, pois:

Seja no contexto britânico seja no americano, os estudos culturais têm chamado a atenção não apenas devido ao seu desenvolvimento interno teórico por vezes estonteante, mas por manter questões políticas e teóricas numa tensão não resolvida e permanente. Os estudos culturais permite que essas questões se irrite, se perturbem e se incomodem reciprocamente, sem insistir numa clausura teórica final. (HALL, 2013, p.235)

Essa maleabilidade permitida por tais estudos abre justamente a possibilidade de tratar de conceitos que também não são estáveis, como o conceito de identidade e de cultura. Desse modo, a criação de obras que se proponham *representar* indivíduos identitário e culturalmente, estarão encerrando possibilidades outras de existências, já que o ato de *representar*, ao invés de lidar com as diferenças, lida com as semelhanças.

A abordagem performativa, por sua vez, atua como construtora e agenciadora da construção de identidades e culturas. A escrita de Angelou, aqui traduzida e analisada, revela o fazer performativo da autora, pois na medida em que ela escrever, ela também se inscreve como mulher afro-americana. E como Judith Butler diz, no poema, a formação das palavras dá vida ao poeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ambiguidade do poema *Harlem Hopscotch* é extremamente profícua para fazer relação entre a autora, Maya Angelou, todos os teóricos aqui trazidos e com as questões transversais à obra da poetisa. Iniciada na lírica, Angelou, ao tratar de questões identitárias e culturais, não deixa de nos oferecer elementos poéticos que contribuem para a cadência dos seus versos. A partir da estrutura de versos rimados, são discutidas e problematizadas questões que atingem os afrodescendentes brasileiros, afroamericanos e demais afrodiáspóricos. Os conteúdos do poema em destaque permitem que se faça uma espécie de retrospectiva da história do negro, mas a potência dele está na possibilidade de subversão feita no último verso. As metáforas do jogo de amarelinha servem não apenas para falar do passado, mas também para convidar o leitor ao jogo, seja na reflexão, seja na ação.

O conceito *o devir-negro do mundo* foi cunhado por Achille Mbembe, mas o poema de Angelou já apresentava sinais desse despontar negro do mundo, pois de modo suplementar, literários, teóricos e críticos engajados na causa afrodescendente vêm criando imagens, conceitos e teorias para subverter as práticas hegemônicas, brancas e europeias, que por muito tempo mantiveram e ainda mantém as estruturas circulares de práticas racistas.

O trabalho de Angelou se mostra pertinente aos estudos afrodiáspóricos, porque, ao escrever os seus poemas, ela transgride as teorias representacionais. De modo consciente e político, a autora escreve e se inscreve como afroamericana na sociedade estadunidense. Através da performatividade, Angelou descreve um jogo, joga-o e nos convida a integrá-lo, na medida em que somos afetados pelas questões que atravessam os seus versos.

O enriquecimento deste texto se dá para além das questões nele já pontuadas. Ele está basilarmente na reunião produtiva de intelectuais orgânicos, pensando no conceito gramsciano, que nos permite inferir que não basta ser apenas acadêmico ou apenas intelectual. Pelo contrário, é preciso, de maneira veemente, ser um intelectual que tenha um conhecimento profundo das questões estudadas, que pratique aquilo que teoriza, que questione o que está estabelecido e também que reflita sobre a sua própria práxis.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. **The complete collected poems of Maya Angelou**. New York: Deckle Edgle, 1994.

BRITO, Paulo Henrique. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, Judith. **Vida Precária**. Contemporânea – Revista de Sociologia da Ufscar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Ufscar, 2011, n.1, p. 13-33.

DICIO- **Dicionário online de português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/animismo/>>. Acesso em: 23 outubro 2016.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

HALL, Stuart. **Estudos Culturais e seu Legado Teórico**. In: _____. Da diáspora – Identidade e Mediações Culturais. Belo Horizonte: EdUFMG, 2009. p. 219-240.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.p. 21-22.

MUNANGA. Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Nações de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ, 5 novembro 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o sulbaterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. S. Paulo: DP&A, 2005.